

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 15 Sociologia Econômica – Pluralismo de enfoques e inovação metodológica

**NEGÓCIOS SOCIAIS ENQUANTO PROPOSTA DE NOVOS MODELOS
ORGANIZACIONAIS HÍBRIDOS**

Lucca Vichr Lopes

Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências / UNICAMP

Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro

Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências / UNICAMP

NEGÓCIOS SOCIAIS ENQUANTO PROPOSTA DE NOVOS MODELOS ORGANIZACIONAIS HÍBRIDOS

1. Introdução

Negócios sociais são organizações – usualmente constituídas enquanto empresas – que afirmam causar algum tipo de ‘impacto social’ através da comercialização de seus bens e serviços. O termo ganhou maior notoriedade após Muhammad Yunus ser laureado com o prêmio Nobel da Paz em 2006. O economista fundou em 1976 o Grameen Bank em Bangladesh, instituição financeira voltada à oferta de microcrédito¹. Atualmente a Grameen Trust é acionista de negócios sociais ligados à agricultura, alimentação, energia, vestuário e telecomunicações. Nenhuma de suas empresas distribui dividendos aos acionistas. São muitos os termos que tangenciam as iniciativas e formas de organização a que nos propomos discutir neste trabalho – como, por exemplo, empreendimento social, negócio social, inovação social, tecnologia social e outros similares (‘negócios de impacto social’, ‘negócios inclusivos’, ‘empresa social’, ‘empresas B’, ‘setor dois e meio’, ‘negócios com propósito’ e *‘pro-poor innovation’*). Poderíamos evocar certamente a economia colaborativa, economia criativa, economia solidária, comércio justo, ‘inovações responsáveis’, agroecologia e muitos outros como temas correlatos que se aproximam e muitas vezes se confundem com aquele a que buscamos tratar.

Este texto corresponde a uma primeira aproximação com o objeto de pesquisa de doutorado. A primeira fase de campo correspondeu ao acompanhamento de eventos, premiações e seminários relacionados ao tema. Para este estudo específico nos utilizamos de entrevistas e relatos etnográficos realizado no Programa Vivenda, negócio social que reforma casas em uma favela de São Paulo – como dados secundários, nos utilizamos ainda de peças audiovisuais, material publicitário, relatórios e comunicados públicos. A empresa oferece reformas para banheiros, cozinhas, áreas de serviço, salas e quartos que correspondem resumidamente a impermeabilização de paredes, aplicação de produtos para a eliminação de fungos, conserto de vazamentos, instalação de pisos, azulejos e forros e abertura de janelas. Com o slogan “Mais do que uma reforma, o Programa Vivenda oferece acesso a uma vida melhor”, a empresa afirma ter realizado até o momento 471 reformas que teriam beneficiado mais de 1.720 pessoas.

1 Nesta modalidade, o crédito é ofertado apenas a indivíduos de baixa renda, usualmente para pequenos investimentos produtivos como em artesanatos, agricultura familiar e microempreendimentos em geral. Em sua carteira de clientes, o Grameen Bank privilegia mulheres chefes de família, moradoras de áreas rurais - as financiadas ainda recebem uma participação acionária enquanto sócias do banco. Segundo dados da instituição, os empréstimos já beneficiaram mais de 10 milhões de famílias, desde o início de suas atuações. Atualmente o banco é uma das instituições controladas pelo Grameen Trust.

Em sequência a esta breve introdução, apresentamos uma discussão sobre o conceito de performatividade econômica proposta por Michel Callon (1998; 2007). Utilizaremos ainda, enquanto arcabouço teórico-metodológico, autores dos Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia e economia institucional. Em seguida, buscamos apontar elementos que evidenciem a performatividade econômica nas práticas dos agentes envolvidos em um pretense 'ecossistema de empreendedorismo social'. Os tópicos continuam com uma apresentação do negócio social Programa Vivenda e o relato sobre as visitas realizadas durante o trabalho de campo. Finalizamos o texto com algumas considerações sobre o debate aqui apresentado e perspectivas para os desdobramentos da pesquisa.

2. Performatividade econômica

Neste estudo, privilegiaremos a interdisciplinaridade utilizando algumas das ferramentas teórico-metodológicas propostas pela teoria ator rede (TAR). Para uma compreensão mais ampla da sociologia econômica enquanto subdisciplina, seguiremos a definição de Smelser e Swedberg (2005, p. 3) como a 'aplicação dos quadros de referência, variáveis e modelos explanatórios da sociologia ao complexo de atividades relacionado à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços escassos'. Aplicar então o arcabouço teórico metodológico da TAR ao entendimento de tais atividades econômicas requer alguns avisos. Primeiramente, devemos ter cautela no uso de terminologias, variáveis e agregados pré-definidos e considerar a heterogeneidade e dinamicidade das práticas. Para observar estes fenômenos complexos, um número muito maior de atores deverá receber nossa atenção – tanto humanos quanto não humanos. Usaremos ferramentas etnográficas para localizar no curso das ações as trocas, controvérsias e negociações sobre o provimento de bens e serviços apresentado. Deveremos ainda seguir as sugestão de Mol (2002) pela compreensão da realidade enquanto múltipla e evidenciada nas práticas – ações que se repetem no tempo mas nunca em exatidão, condicionadas pelos elementos humanos e não humanos que cercam os atores em análise.

Callon (2007) evoca o conceito de performatividade econômica para fugir dos dualismos que tendem a caracterizar as ciências econômicas ora como disciplina descritiva ora como meramente prescritiva. Propõe assim, conceber as teorias e os modelos econômicos como enunciados que progressivamente se ajustam ao mundo do qual tratam – mundo este, que por sua vez é colocado em movimento pelos enunciados e

fórmulas que o descrevem². Assim, por exemplo, os pressupostos, fórmulas e modelos econômicos que se propõem a observar os mercados financeiros, a formação dos juros, os leilões públicos, as estratégias das firmas e o aumento da produção também contribuiriam para a manutenção destas variáveis enquanto constructos inquestionáveis. E o autor continua,

A formula that previously functioned in a paper world, which was perfectly real (for what could be more real than paper or equations?), subsequently functions, after many investments, in a world of computers and silicon, algorithms, professional skills, and cleverly adjusted institutions. We could say that the formula has become true, but it is preferable to say that the world it supposes has become actual. The supposed world has gained in precision, weight, robustness and extension through the intense work of articulating, experimenting and observing that has been required to produce the gradual, mutual adjustment of socio-technical agencements and formulae. The actualization process is a long sequence of trial and error, reconfigurations and reformulations. But what makes this process possible is the performative dimension of the statements and the trials that they allow. (CALLON, 2007, pp. 320-321)

A noção de performatividade proposta por Callon (2007) assume que há um agenciamento sociotécnico entre os enunciados econômicos e os mundos dos quais eles afirmam tratar. Essa associação deve ser encarada como a combinação de elementos heterogêneos cuidadosamente ajustados uns aos outros nas práticas. Sem os dispositivos materiais as proposições econômicas não fazem sentido. Assim, nas práticas econômicas devemos considerar também a materialidade e a qualidade dos bens e serviços que estão sendo trocados. Com as ferramentas adequadas é possível traçar os caminhos pelos quais um enunciado condiciona práticas econômicas e igualmente como essas práticas embasam a formação de enunciados. Nas ciências econômicas, a materialidade das teorias pode ser evidenciada por exemplo em livros, artigos, modelos econométricos computacionais, equações de oferta e demanda, notícias de jornal, legislações e discursos públicos.

Mackenzie (2006) faz um importante esforço de mapear as performatividades econômicas nos mercados financeiros. Ao tratar das teorias econômicas que embasam estes mercados, o autor observa que a teoria chartista (baseada em análises gráficas e estatísticas sobre séries históricas) consegue prever com grande precisão o preço de determinado ativo ao passo em que este próprio mecanismo de previsão é responsável

2 É importante fazer a devida distinção que a palavra 'economia' assume na língua inglesa. Assim, quando a palavra fizer referência à disciplina econômica (*economics*) a chamaremos teorias ou ciências econômicas. Para referenciar o conjunto dos atores e ações que participam das trocas de bens e serviços (*economy*) chamaremos simplesmente 'economia'.

por compor os níveis de preços dos mercados. Em destaque, o autor traz o caso do modelo de Black & Scholes para a previsão de preço de ativos. Segundo relata, a combinação de técnicas matemáticas e estatísticas com as tecnologias computacionais que surgiam na década de 1970 influenciou incisivamente as práticas econômicas dos mercados de ações que se sucederam. Os economistas Fischer Black e Myron Scholes (posteriormente laureados com o prêmio Nobel de Economia) propuseram inicialmente algumas suposições para estimar os valores futuros de determinados ativos. Dentre os pressupostos assumidos dizia-se que o preço dos ativos seguiria 'um movimento Browniano geométrico com tendências e volatilidade constantes'. Para alcançar essa volatilidade o modelo incorpora as variações passadas dos preços do ativos. A assertividade do modelo foi logo percebida pelos agentes financeiros, de modo que sua ampla utilização o tornou mais complexo e rebuscado. Uma vez que os agentes passaram a incorporar as expectativas gerais de preços em seus modelos, as previsões e os preços realizados nos mercados passaram a se equivaler. A fórmula então buscava descrever movimentos que ela própria influenciava. Os preços por sua vez variavam aleatoriamente, mas nem tanto assim – suas variações alimentavam o modelo. A fórmula de Black & Scholes só faz sentido e possui algum efeito em seu próprio mundo.

O autor relata a materialidade trazida a tona em sua análise. No início, folhas de tamanho A4 contendo tabelas de cálculos e comparações eram distribuídas entre aqueles que negociavam os papéis nos pregões das bolsas de valores (que ainda não eram digitalizadas). A consolidação do modelo se seguiu com a utilização de computadores, microchips, algoritmos e organizações que o rodavam e faziam existir. Para tal, foram necessárias inúmeras tentativas com 'erros e acertos, reconfigurações e reformulações'. Mundo e modelo se ajustaram mutuamente num agenciamento sociotécnico passível de ser rastreado – papéis, computadores, fórmulas e tabelas, estão todos lá. Se bem sucedido, o mundo que o modelo supõe observar se torna preciso, leve, complexo e robusto. E as crises financeiras são, em algum sentido, esperadas. São crises das fórmulas (CALLON, 2007). Após a quebra de um mercado, novos ajustes devem ser feitos e novas variáveis devem ser testadas para 'atenuar' sua volatilidade. Para estes autores, as controvérsias econômicas podem ser encaradas como tribunais, onde os atores testam a resistência das fórmulas que definem a realidade do mundo que os cercam.

Outros estudos de caso nos ajudam a compreender como mundos e modelos econômicos são performados. Garcia-Parpet (2007) descreve as dinâmicas de uma pequena câmara de comércio de morangos no sul da França. No seu relato, as regras do

leilão, a disposição física de compradores e vendedores e mesmo a hereditariedade são questões relevantes para se construir um suposto 'mercado em competição perfeita'. Guala (2007), por sua vez, estudou as controvérsias sobre quais modelos teóricos deveriam ser utilizados para embasar os leilões pelos espectros de radiofrequência no Estados Unidos. Economistas defensores da economia experimental e da teoria dos jogos travaram disputas sobre o melhor desenho legal para os leilões – ambos sugeriam ações bastante divergentes entre si. E para ambos, a maximização da utilidade dos agentes econômicos é um pressuposto fundamental e inquestionável.

Se para Faulhaber e Baumol (1998) as ciências econômicas possuem pouca influência sobre as práticas administrativas e de inovação em empresas e governos, Callon (2007) propõe abrir o leque sobre quem devemos considerar economistas. Para isto faz a distinção entre o que chama 'economistas confinados' e 'economistas no mundo selvagem'. Os primeiros corresponderiam aos acadêmicos teóricos que estudam as grandes práticas e dinâmicas das trocas. Os selvagens seriam os agentes econômicos que atuam, praticam e fazem a economia – a gestão e administração de empresas produz muitos destes economistas selvagens, mas também o fazem a estatística, a psicologia, engenharia e, por que não, a política. O autor usa o caso tratado por Holm (2007) para exemplificar esta proposição a partir do exemplo de pescadores noruegueses que, após períodos de atividade pesqueira desregulada, viram a quantidade de salmão diminuir na região. Para a resolução, foram chamados biólogos, estatísticos, políticos, associações de pescadores e também economistas. Estes últimos propunham que, a partir de seus modelos concorrenciais de recursos escassos, o estabelecimento de cotas para cada pescador seria a melhor solução ao imbróglio. A partir de inúmeros testes, foi então selecionada a melhor genética dos peixes e o bioma marinho da região foi cuidadosamente estudado. Houveram acordos comunitários e na alta política. Os pescadores só puderam então exercer suas atividades após uma série de controvérsias e tribunais que os representaram enquanto agentes calculadores egoístas e que fizeram daquelas águas um grande aquário selecionado e monitorado.

E da mesma forma como Mackenzie (2006) se utiliza da noção de performatividade para postular que a teoria econômica influencia e molda profundamente as práticas dos mercados financeiros, podemos estender essa análise aos diversos mercados em geral. Do mesmo modo como a economia financeira é uma subdisciplina das ciências econômicas que tratam das dinâmicas de precificação e comercialização de ativos, podemos entender a administração e gestão de empresas igualmente como uma

subdisciplina da economia que trata da comercialização de bens e serviços por empresas. Afinal, estas organizações também produzem suas próprias fórmulas e modelos. Como exemplos, podemos citar os cálculos para projeção de ofertas e demandas, estabelecimento dos preços dos produtos, composição da estrutura contábil e pagamento da folha salarial. E essas fórmulas não se restringem apenas a números e equações.

Assim, a maximização do lucro é um enunciado performado em diversos locais e momentos no curso de desenvolvimento de uma empresa privada convencional. No início de suas atividades, peças legais como contratos e estatutos sociais estabelecem quantidades e proporcionalidades sobre a posse e o comando da organização – a distribuição de dividendos seguirá esta razão. Nos departamentos de marketing, publicitários e designers buscam incessantemente o aumento das vendas através de rebuscadas pesquisas de opinião, padrões estéticos e mesmo técnicas provenientes das neurociências. Assim, se preciso for, a Coca-Cola poderá ser associada a uma “vida saudável” e a mineradora Vale tentará promover projetos sob a alcunha da “responsabilidade socioambiental”. Enquanto os funcionários responsáveis pela gestão dos recursos humanos se encarregam de aumentar a produtividade de seus empregados, as divisões de tecnologia da informação e de manutenção têm a similar tarefa de tornar as máquinas e os objetos mais eficientes.

Sob esta perspectiva, podemos considerar todas as ciências como performativas. O que pesa sobre a teoria econômica é justamente sua capilaridade pelas ações humanas. As trocas econômicas desempenham um papel bastante incisivo no modo como nos relacionamos enquanto indivíduos. Postular que as desigualdades sociais são inerentes ao modo como nos organizamos tem o mesmo efeito de produzir e garantir a manutenção destas assimetrias. Em última instância, talvez seja possível afirmar que ao descrever os indivíduos como meros maximizadores da utilidade (e consequentemente do lucro), a teoria ortodoxa também influencia e molda os indivíduos a se comportarem de tal maneira. Muniesa (2010, p. 13) vai além ao afirmar que

The economist produces a theoretical fiction, develops a model or an experimental setting that describes the functioning of that fiction, deploys a number of implications and consequences of this functioning and, little by little, this deployment starts to navigate into the world “out there”, to circulate within regulatory bodies, consultancy firms, banks, government departments, and to flow in what we curiously call the “real economy”, as opposed to the presumably “unreal economy” of economics.”

3. Performando negócios sociais

Analisando o caso específico de nosso objeto, negócios sociais, encontramos na literatura e nos trabalhos de campo (em meio a seu ‘ecossistema empreendedor’) possíveis práticas que justificam o uso do conceito de performatividade econômica. A aceleradora de negócios de impacto social³ Artemisia performa seu entendimento sobre o tema em diversos âmbitos. Um de seus projetos, a Rede Choice, capacita estudantes universitários para palestrarem sobre o tema em salas de aula. Segundo afirma em seu website, o projeto conta com 755 embaixadores que realizaram um total de 2.046 workshops para 82.000 estudantes universitários. A organização ainda coordena cursos online sobre o tema, além de matérias ministradas na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e um curso de MBA no Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) junto ao Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS/FEA/USP). A mesma organização afirmar ter acelerado 79 negócios sociais através de serviços de consultoria, capacitação, prospecção de investimentos e desenvolvimento de produtos e serviços.

A aceleradora Yunus Negócios Sociais possui também um programa de capacitação de jovens (Yunus&Youth) e cursos online. Em parceria com a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), fundou o ESPM Social Business Centre no Rio de Janeiro onde oferece um curso de extensão universitária e realiza pesquisas acadêmicas sobre o tema. O Centro atua ainda na formação e treinamento dos negócios acelerados pela organização. Segundo Limeira (2014) haveria um gradual fortalecimento do ‘ecossistema de empreendedorismo social’ no Brasil e no mundo. Além das aceleradoras, já mencionadas, outras organizações comporiam este ecossistema, como incubadoras, firmas de consultoria, *co-workings*, fundações e institutos de apoio e fomento, *think tanks*, fundos de investimento de impacto, *start-ups*, governos, empresas privadas e também a academia. O Instituto Inovação e Cidadania Empresarial (ICE) tem em seu portfólio de ações o Programa Academia, que apresenta seu objetivo como sendo o de “Engajar os docentes e fortalecer a atuação das Instituições de Ensino Superior no Brasil nas temáticas de Finanças Sociais e Negócios de Impacto”. Segundo seus números, o programa conta com 49 professores de 27 Instituições de Ensino Superior brasileiras. Brandão et al (2014) apontam algumas ferramentas para a construção de métricas de

3 Aceleradoras são usualmente caracterizadas como instituições que fornecem condições materiais e estratégicas para o desenvolvimento de empresas iniciantes, principalmente quanto à captação de recursos financeiros junto a fundos de investimento e potenciais acionistas. Aceleradoras de impacto são aquelas que aceleram especificamente negócios sociais – elas são importantes mediadoras no curso de desenvolvimento destes empreendimentos, auxiliando a empresa nascente desde a concepção das tecnologias e serviços a serem entregues até fases maduras de expansão e diversificação de suas atividades.

impacto social que embasam decisões de fundos de investimento. As firmas de consultoria, assim como aceleradoras e incubadoras, se apoiam em literaturas e técnicas da administração de empresas – que por sua vez, como já afirmamos, pode também ser vista tal qual uma subdisciplina econômica.

Seja através de práticas administrativas, mercadológicas ou financeiras, estas instituições performam diferentes conceitos de negócios sociais a partir de observações e interações próprias do que concebem como realidades econômicas. Não intencionamos neste texto esgotar atores, discursos e os caminhos pelos quais se observam e se moldam ‘mundos econômicos’. Interessa-nos, por hora, apresentar dois principais discursos e seus enunciados, que parecem destoar entre si nos debates que circundam o tema⁴. Temos por um lado empreendedores, organizações e acadêmicos que sugerem a não distribuição do lucro entre acionistas – em suma, todo excedente monetário resultante da comercialização de bens e serviços deve ser reinvestido no negócio. Por outro, correntes defendem que o lucro gerado a a partir destes empreendimentos sociais deve ser destinado a seus proprietários.

A primeira vertente é espelhada nos textos e empreendimentos de Muhammad Yunus. Segundo Comini, Barki e Aguiar (2012) este discurso se manifesta principalmente em empreendimentos sociais localizados no Sul Geopolítico. Ainda segundo os autores, estes negócios sociais teriam como objetivo mais latente o combate a pobreza extrema. Desse modo, o negócio social deveria reinvestir seus lucros na própria empresa, em ações de expansão e reserva financeira. Isto pois, segundo Yunus (2006), quando as tomadas de decisões envolvem interesses pecuniários ou interesses coletivos, lucro e ‘impacto social’ são incompatíveis. Para o autor, se o ser humano não é ‘naturalmente’ calculador e egoísta, o agentes econômicos não deveriam ser retratados de tal maneira. Sobre a suposta incoerência nas teorias econômicas, Yunus (2010, pp. 8-9) afirma que,

[a] maior falha em nossa teoria do capitalismo reside em sua deturpação da natureza humana. (...) [O]s seres humanos engajados em negócios são representados como seres unidimensionais cuja única missão é maximizar o lucro. (...) [O]s economistas construíram sua teoria geral dos negócios com base no pressuposto de que, em sua vida econômica, os seres humanos não fazem nada além de perseguir interesses egoístas. A teoria conclui que o resultado ótimo para a sociedade será alcançado quando não houver obstáculos à busca individual por benefícios egoístas (...) Obviamente, os seres humanos também são movidos por impulsos altruístas. (...) E, ainda assim, essa dimensão desinteressada não

4 Comini, Barki e Aguiar (2012) mencionam um terceiro discurso de inspiração europeia. Nesse caso, as empresas sociais tenderiam a prover bens e serviços de competência tradicionalmente atribuída ao setor público, a preços módicos e empregando mão de obra marginalizada. Por questões do escopo deste trabalho não detalharemos as nuances deste discurso.

desempenha papel na teoria econômica.

Na segunda abordagem, a distribuição de lucros entre os acionistas garantiria um maior volume de investimentos, o que geraria maior 'impacto social'. Para autores como Hart (2010), Prahalad (2010) e Chu (2005) negócios sociais seriam uma espécie de 'evolução' do sistema capitalista – Mackey e Sisodia (2013) chamam esse movimento de capitalismo consciente. Estes discursos geralmente fazem referência à Base da Pirâmide como um público consumidor alvo de baixa renda. Segundo a Red de Conocimientos sobre Emprendimientos Sociales (2010), esta vertente muitas vezes se inclina ao discurso de "vender mais aos pobres". Os enunciados abaixo constituem um primeiro esforço de mapear estes dois discursos que se apresentam em nossa revisão bibliográfica. Na ausência de melhores denominações, chamaremos estes discursos provisoriamente de 'Yunus' e 'Base da Pirâmide'. Enquanto o primeiro se personifica nos textos e nas ações de Muhammad Yunus, o segundo provém de fontes difusas. Em ambos encontramos pressupostos e práticas bastante fundamentais às teorias econômicas que envolvem desde a ciência política à antropologia.

Figura 1. Discursos e enunciados

YUNUS	'BASE DA PIRÂMIDE'
Pressupostos	Pressupostos
'A pobreza advém das desigualdades de um capitalismo incompleto'	'As falhas do Estado explicam a pobreza'
'O livre mercado funciona se os agentes não forem egoístas'	'O mercado deve ser livre e os agentes precisam ser éticos'
'O lucro compete com o combate a pobreza'	'O lucro atrai investimentos aumentado o impacto social'
'Não se deve maximizar o lucro'	'Deve-se possuir valor compartilhado'
Decorrências	Decorrências
'A tomada de decisão deve ser preferencialmente coletiva'	'O empreendedor é a peça central em um negócio social'
'Negócios sociais devem colaborar entre si'	'Negócios sociais podem concorrer por consumidores e investimentos'
'O negócio social deve ser descentralizado e replicável'	'Negócios sociais devem ser escaláveis'

Negócios sociais parecem questionar através de suas práticas esse pressuposto bastante fundamental às teorias econômicas – que embasa desde à teoria das firmas às políticas macroeconômicas contemporâneas – qual seja, a maximização da utilidade individual dos agentes econômicos. Estes empreendimentos e as instituições que os apoiam performam o 'social' de distintos modos, de acordo com o momento em que os tomamos e com os atores que os cercam. Assim, por exemplo, as práticas de desenvolvimento de seus produtos e serviços fazem emergir concepções próprias de 'impacto social'. E o social continua a ser performado de diferentes maneiras em suas

atividades administrativas internas, nas relações que estabelecem com seus consumidores, em suas peças de comunicação e nos diálogos travados com *stakeholders*. Os diferentes discursos promovidos por negócios sociais convergem ao aceitarem que suas atividades econômicas devam necessariamente proporcionar alguma melhora perceptível na qualidade de vida daqueles que vivem a pobreza.

4. Localizando o Programa Vivenda

Para localizarmos a empresa enquanto parte de um 'ecossistema' devemos entender que outros atores a cercam e que tipo de associações estabelecem. O Vivenda participou de um programa de aceleração, recebendo treinamentos, consultorias administrativas e financeiras e apoio na concepção de seus produtos. Atualmente os serviços de aconselhamento em gestão são prestados por uma empresa de consultoria dedicada a trabalhar com negócios sociais. O desenho dos serviços ofertados foi realizado junto à moradores da comunidade e com o apoio de uma ONG local. A redução dos custos foi alcançada por meio da padronização de processos, treinamento da mão de obra e volume de compra de materiais (ARTEMISIA, 2015). Os estoques são mantidos em um comércio local de materiais para construção – a loja garante o depósito de alguns produtos específicos enquanto o Vivenda mantém certo volume de compra. Os preços dos materiais são subsidiados por meio de uma parceria estabelecida com empresas do setor da construção civil. O negócio social aloca equipes de vendas que percorrem as comunidades e recebem apoio dos agentes de saúde municipais – que indicam as moradias de condições mais precárias. Os serviços de reforma habitacional são pagos por seus clientes através de parcelas módicas. Para famílias com renda percapita de até 1,5 salário mínimo os serviços são subsidiados por uma instituição filantrópica. Recentemente, o Programa Vivenda ganhou o prêmio 'Empreendedor Social', o que lhe garantiu maior visibilidade frente a instituições de apoio e fomento.

É importante também localizarmos geograficamente o empreendimento. A sede do Programa Vivenda se localiza no Jardim Ibirapuera, Zona Sul de São Paulo. Recentemente a empresa inaugurou uma segunda unidade de atendimento na Zona Leste da cidade e atualmente está finalizando a instalação de uma unidade administrativa e de formação profissional. Esta última unidade contará com espaços para formação de mão de obra e cursos em geral. Segundo uma das funcionárias, a intenção é disseminar informações qualificadas sobre atividades na construção civil e também diversificar os

produtos e serviços oferecidos pelo negócio. O bairro onde está instalada a sede do empreendimento abriga majoritariamente famílias alocadas nos estratos de baixa renda, com grande número de habitações irregulares. Estatisticamente, a baixa renda é definida como núcleos familiares de renda *per capita* inferior à um quarto de salário mínimo. No entanto, uma análise qualitativa destas localidades nos permite inferir sobre outros elementos que caracterizariam a pobreza nestes locais.

É comum a uma favela que as infraestruturas básicas que servem os cidadãos não se encontrem em condições adequadas de uso, ou mesmo que inexistam. Essas infraestruturas são inadequadas no sentido de que não correspondem às legislações vigentes, às normas técnicas e à garantia de qualidade de vida dos moradores por elas atendidos. Assim, por exemplo, nos casos onde as redes de saneamento básico não são disponíveis, é comum que o esgotamento sanitário seja despejado em valas, que o levam diretamente às ruas onde circulam carros e pedestres – em muitos casos os dejetos são descartados em rios. No Jardim Ibirapuera estas ocorrências são frequentes. É também usual nestes bairros que a rede elétrica seja ligada às casas sem passar pelo medidor de consumo – a prática é denominada pela concessionária distribuidora como ‘furto de energia’, popularmente é conhecida como ‘gato’. A ligação irregular é feita geralmente por profissionais autônomos do próprio bairro, que trabalham em linhas de alta tensão sem permissão legal, preparo técnico ou equipamentos de segurança. Uma rápida busca pelo nome do bairro em websites de compartilhamento de vídeos nos exibe um evento recente ocorrido no local. Em 2014 o surgimento de rachaduras em cerca de 200 casas do bairro fez com que a Defesa Civil as interditasse por risco de desmoronamento.

O Programa Vivenda não atua sobre as infraestruturas do bairro. Os serviços de alvenaria, instalações e manutenções elétricas e hidráulicas são realizados ‘da porta pra dentro’ - as ligações finais dos encanamentos de esgoto e da fiação elétrica são feitas até o limite da casa com a rua. As características que a habitação popular assume variam de acordo com as dinâmicas locais e dos núcleos familiares que residem nestas dependências – dentro de uma mesma comunidade os padrões de construção variam bastante, como é caso do bairro atendido pelo Vivenda. Como fator comum a estas habitações, podemos citar as restrições financeiras dos seus moradores como um denominador que condiciona, por exemplo, obras inacabadas. O custo de materiais para acabamento, como pisos, azulejos, louças e reboco são considerados demasiadamente caros ou ‘dispensáveis’.

O elevado preço da terra condiciona o alto adensamento populacional e uma baixa

taxa de permeabilidade do solo. Para aproveitar os espaços, é comum que moradores dividam paredes e mesmo cômodos, o que explica a ausência de janelas em muitos dos quartos, salas e banheiros. Em ocupações localizadas em morros de grande aclividade algumas paredes acabam por ficar encostadas em porções de terra, que acumulam água e levam umidade às paredes. Ambientes úmidos e sem incidência de luz solar e fluxo de ar são propícios ao surgimento de fungos. As residências em uma favela são muitas vezes construídas com materiais de baixa qualidade ou mesmo de reuso. A mão de obra raramente é qualificada e a autoconstrução (quando o próprio morador realiza estes tipos de serviços) é frequente. Assim, as ocorrências de obstrução e quebra de encanamentos e panes elétricas são altas.

Em entrevista a um programa televisivo, um de seus co-fundadores afirma que “(...) não se pode dizer que as pessoas morrem por causa das casas. A gente pode dizer, sem dúvidas, que as casas contribuem muito pra piorar a condições de saúde da população que mora mal.” (2016, Programa Economia e Negócios, Portal R7⁵). No bairro, muitas das infraestruturas internas às casas também parecem pouco adequadas ao uso. Na busca por atender estas demandas, o Vivenda oferece cinco kits básicos para reformas, referentes aos principais cômodos de uma habitação popular: banheiro, cozinha, área de serviço, sala e quarto (Figura 2). Para cada cômodo foram levantadas as necessidades mais recorrentemente requisitadas para manutenção. Em outra peça de comunicação da empresa⁶, o mesmo fundador justifica o desenho dos serviços ofertados.

A gente pesquisou na literatura médica e viu que tinha quatro principais patologias habitacionais que mais impactavam na saúde do morador, que eram: falta de banheiro adequado, falta de ventilação adequada, excesso de umidade e falta de revestimento. Dessa maneira, os produtos foram desenhados para cobrir precisamente essa demanda.

A eliminação de fungos colabora para a saúde do sistema respiratório de seus moradores – para aqueles portadores de doenças crônicas como a asma, o mofo é um sério agravante. A instalação de forros impede o contato direto dos moradores com animais portadores de doenças como ratos, morcegos e pássaros. Ao considerar a incidência solar e o regime local de ventos, a abertura de janelas, elementos vazados e claraboias contribui para o conforto térmico e para a diminuição de gastos com energia

5 Vídeo acessado em 15/06/2017, disponível em: <http://noticias.r7.com/record-news/economia-e-negocios/videos/acompanhe-na-integra-o-economia-e-negocios-desta-segunda-feira-24-25102016>

6 Material acessado em 15/06/2017, disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F6899%2F1463422888eBook_ImpactoSocial_FINAL.pdf

elétrica – uma vez que lâmpadas, ventiladores e aparelhos similares podem ser poupados. O conserto de vazamentos contribui igualmente para a redução nas contras de fornecimento de água. Ademais, as reformas representam também mudanças nos padrões estéticos da residência o que, segundo a empresa, tende a aumentar a autoestima de seus moradores.

Na literatura econômica é comum que a explicação ao não atendimento a estas demandas sejam caracterizada como falhas de mercado – situação na qual a inviabilidade econômica não permitiria o correto provimento de bens e serviços a determinada população. Denominar tais ocorrências como falhas podem levar à falsa conclusão de que mercados funcionariam de modo a resultar em uma perfeita alocação dos recursos em um sociedade, ignorando as assimetrias que os próprios mercados ajudam a gerar (MEIRELLES, 2010). Ao prover serviços de reforma habitacional nestas comunidades, o Programa Vivenda estaria supostamente corrigindo estas falhas.

Figura 2. Serviços ofertados



Fonte: <http://programavivenda.com.br/>

5. Um mercado para a reforma habitacional popular

O fluxo de atendimento dos serviços começa com um primeiro contato entre a

empresa e o potencial consumidor. Este atendimento pode ocorrer através e-mail, ligação telefônica ou na própria sede da empresa. O segundo contato corresponde a uma visita técnica, na qual uma funcionária da empresa fotografa os cômodos, mensura e desenha uma planta baixa da residência e coleta dados sócioeconômicos da família. Os dados são inseridos em um equipamento eletrônico (*tablet*) por meio de aplicativos de código aberto. As informações são repassadas à arquiteta, que calcula materiais e mão de obra para apresentar o orçamento. A definição dos serviços a serem realizados ocorre na apresentação do orçamento, na sede da empresa – é nessa etapa que são apresentados cronogramas, possíveis subsídios e formas de financiamento. Assinado o contrato de prestação de serviço entre as partes, as reformas se iniciam no prazo de uma semana e duram, em média, seis dias.

Nosso trabalho de campo ocorreu em duas destas visitas técnicas iniciais. Na primeira delas, em um dos únicos condomínios residenciais do bairro, o serviço foi logo descartado pela moradora pois seria necessário alterar a tubulação de gás encanado. Segundo argumentou a moradora, sua vizinha havia contratado um pedreiro do bairro para realizar um reforma semelhante. Em função de normas técnicas específicas a este tipo de instalação, apenas empresas autorizadas podem realizar este serviço. Por ser um serviço pouco demandado no bairro, o Vivenda optou por não obter tal certificação e portanto não executa este tipo de obra. De acordo com a funcionária da empresa, nossa segunda visita técnica foi mais representativa do público-alvo do negócio, uma construção irregular no centro da comunidade.

O pedido do morador era por reformas em todos os cômodos da casa. No quarto, a parede ulterior estava enconstada no barranco de modo que, dada a ausência de janelas, uma grande concentração de fungos se espalhava até o teto. Um das paredes laterais (parcialmente encostada na terra) era revestida com azulejos e apresentava trincas. Segundo a funcionária da empresa, provavelmente o proprietário anterior havia colocado aquele revestimento para barrar a proliferação de fungos. Uma solução provisória, já que o mofo se espalhava por tras do azulejo, estufando e provocando rachaduras. Para casos como este, a solução apresentada pelo Programa Vivenda consiste em retirar o revestimento e descascar as paredes até os tijolos para, em seguida, aplicar três demãos de impermeabilizante. Passado o tempo de cura dos produtos, uma nova camada de reboco e massa corrida deve ser aplicada. O serviço é finalizado com camadas de tinta. Ainda no quarto, o morador pedia a troca do piso pois, devido à reformas anteriores, haviam dois padrões diferentes de revestimento, com alguns pisos quebrados. O serviço

proposto pela representante do negócio social consistia na técnica de ' piso sobre piso', que simplificadamente instala uma camada nova de piso sobre a antiga – reduzindo o tempo e conseqüentemente o custo da obra. Para melhorar a circulação de ar no cômodo, sugeriu-se a possibilidade da instalação de elementos vazados. Em seguida o morador mostra seu banheiro, o que motivou o seguinte diálogo:

Funcionária: Nós fazemos no máximo três quartos por obra. No formulário de cadastro você mencionou quarto, sala e cozinha. O banheiro não estava incluso.

Morador: Tudo bem. A gente pode fazer em duas etapas. É bom porque eu quito um orçamento e depois faço outro. Fazemos o mais essencial primeiro e depois o que não é tão essencial assim.

F: O que você acha então de a gente começar pelo quarto e pelo banheiro e depois a gente faz cozinha e sala?

M: É que a sala tá bem feia pra receber o pessoal. A sala eu acho que é o mais simples. A minha esposa prefere sala, quarto e cozinha.

F: Então, mas temos um problema. O banheiro está causando infiltração na sala. Se reformarmos a sala e não o banheiro, o mofo vai voltar na sala. Vou dar uma dica. Eu faria o banheiro, cozinha e quarto, porque assim resolvemos o mais problemático. Pra vocês deixarem a sala do jeito que querem, vai uma pintura. Para nós, pintura significa tempo de mão de obra e tinta. Você está contratando uma mão de obra qualificada que faz tudo. Então se colocarmos uma equipe nossa pra fazer pintura de parede, você irá pagar uma mão de obra que poderia fazer elétrica, piso ou hidráulica para pintar. Então normalmente quando o serviço é só de pintura a gente avisa que não vai valer a pena fazer só a pintura com a gente. Eu deixaria a sala pra depois.

A sala era o cômodo que menos requeria reformas. O morador solicitou que se expandisse os pontos elétricos, pois apenas uma das paredes possuía tomadas – segundo o morador, isso ocorreu provavelmente por restrições orçamentárias durante a construção da casa. Ademais, o morador pedia que as paredes – sujas e mofadas em alguns pontos – fossem pintadas. Analisando a área com alta concentração de fungos em um das paredes encostada no banheiro, a funcionária constatou que uma provável rachadura no encanamento do chuveiro levava umidade à sala. Seria necessário realizar reparos no banheiro para posteriormente aplicar a pintura na sala. No diálogo acima, o morador menciona a reforma da sala como uma mudança estética para que possa receber suas visitas. Nas peças publicitárias do Programa Vivenda, mudanças no padrão estético das residências contribuiriam também para uma maior autoestima de seus moradores. A funcionária explica então que o tempo de serviço gasto por um pedreiro pode ser melhor utilizado em serviços de maior complexidade. O diálogo continua ao se vistoriar banheiro:

M: O banheiro é muito pequeno. É horrível isso aqui. Vocês têm algum

vaso para otimizar o espaço, que encoste na parede?

F: Podemos colocar uma válvula Hydra. E o chuveiro está funcionando?

M: Sim, mas queimou recentemente. Acho melhor trocar essa fiação por uma mais segura. Eu chamei o “faz tudo” daqui, que trocou alguns fios e está funcionando. Mas eu fico receoso, com medo de queimar porque está tudo exposto.

No banheiro os pedidos do morador eram pelo reparo da fiação elétrica exposta do chuveiro e do encanamento de saída da pia, jogado diretamente no ralo. A fiação quando exposta e desencapada pode acarretar em graves acidentes. Ademais, apesar daquela moradia específica não pagar pela eletricidade, a má conservação da fiação elétrica também aumenta o consumo de energia da residência. Ainda no banheiro, devido ao pouco espaço de circulação no cômodo, a funcionária sugeriu a substituição do vaso sanitário de caixa acoplada por uma válvula de descarga. Em direção à cozinha, a funcionária sugere a colocação de revestimento sobre a pia:

F: Podemos colocar a cerâmica nestas duas paredes [acima da pia e do fogão], até o teto ou pelo menos até a altura da porta. Assim o fogão não suja a parede.

M: E nas demais paredes revestimos com tinta ou massa corrida, certo?

F: Sim, a massa corrida é mais bonita, mas a tinta a óleo é mais fácil de limpar.

M: Acho que a minha esposa vai preferir a tinta a óleo. Como a gente tem criança, acho melhor uma parede mais lisa [para não machucar] e fácil de limpar. Pensamos num bege claro. A cor influencia no preço?

F: Só se for uma cor muito escura, tipo vermelho. Com uma tinta mais clara vocês vão ter a percepção de que o cômodo aumenta.

A cerâmica acima da pia e do fogão facilita a limpeza do cômodo, contribuindo para uma melhor higienização dos alimentos – a tinta à óleo tem efeito semelhante. O revestimento contribui ainda para uma melhora estética do cômodo. Apontando em direção a torneira, o morador mostra uma tubulação hidráulica exposta e solicita que seja embutida na parede. Por fim, pede-se que a porta de entrada da casa seja substituída por uma de alumínio com vitrô para que haja melhor circulação de ar no cômodo. Ainda segundo o morador, o material de alumínio lhes traria maior sensação de segurança. Finalizada a visita, a funcionária nos explica sobre as práticas de atendimento ao cliente e a relação que estas guardam para com o próprio desenho dos produtos e serviços ofertados:

F: Ao longo do tempo eu fui percebendo que quanto mais sincero você for com a pessoa sobre os nossos mecanismos e nosso funcionamento, melhor. (...) Quando a pessoa pede por um serviço que nós não fazemos

eu já explico que nós temos um modelo de negócio específico. É mais trabalhoso eu ter que me explicar depois, porque a pessoa já cria uma expectativa. Nós temos que considerar a logística. Se damos muitas opções temos que buscar o material em depósitos diferentes. A gente tem que manter um padrão de obra pra ficar mais fácil pra todo mundo. Isso barateia o produto.

Coletados os dados, eles são enviados à arquiteta, que deverá estimar o orçamento e o cronograma das obras. O morador então é chamado à sede da empresa onde ocorrem as negociações por prazos, condições de pagamento e adequação dos serviços a serem realizados. O Programa Vivenda possui um fundo financeiro próprio para subsidiar o parcelamento das reformas. Os juros cobrados são abaixo dos praticados por bancos convencionais e a taxa de inadimplência é significativamente menor do que a encontrada nos mercados. O modelo de negócio apresentado pela empresa abrange todas as etapas de uma reforma residencial, desde a visita técnica inicial ao financiamento e garantia da obra. O desenho das técnicas aplicadas e as dinâmicas econômicas travadas guardam uma estreita relação entre si. Por um lado, o negócio social sugere privilegiar a transparência dos serviços executados, a adequação às normas técnicas e o barateamento dos custos ao consumidor final. Por outro, busca criar mecanismos econômicos que garantam receitas financeiras crescentes para pagar seus custos, salários e expansão das atividades. Da escolha limitada por cores de tinta e padronização dos processos à busca por prover condições habitacionais mais adequadas à populações de baixa renda, o Programa Vivenda parece não maximizar seus lucros.

6. Considerações

Para um indivíduo, estar localizado nos estratos sociais de mais baixa renda traz implicações sobre os mais ínfimos aspectos cotidianos que condicionam seu bem estar. As consequências negativas destas implicações sobre a habitação se manifestam em questões como infraestruturas públicas, segurança e integridade física, conforto térmico e de iluminação, qualidade do ar e saneamento, espaço para circulação e autoestima. Estes são alguns dos 'impactos sociais' reivindicados nas ações do Programa Vivenda. A empresa ainda afirma respeitar integralmente as leis trabalhistas (prática pouco comum no 'mercado das reformas populares'), utilizar softwares abertos, privilegiar a mão de obra da comunidade, contribuir para a circulação da economia local e apoiar manifestações artísticas do bairro. A tarefa de qualificar o que viria a ser 'impacto social' é complexa, mas o método etnográfico pode nos auxiliar a melhor compreendê-lo. Para Kohonen (2012), as

empresas sociais se situam em uma rede de atores dispostos a performar noções plurais de cálculo e mensuração de valores. Mas o que seria então o 'social' quando associados a estes negócios, empreendimentos, inovações e impactos? Certamente não é esse o mesmo 'social' empregado pela teoria ator-rede, ele parece carregar uma dimensão política específica que não deve ser desprezada *a priori*. Na TAR o social é menos etéreo e pode ser encontrado na materialidade das associações travadas entre os atores na tentativa de estabilizar suas redes – nela toda a tecnologia é social e toda sociedade é tecnológica. O 'social' pode possuir muitas atribuições nos contextos descritos acima, mas em geral ele tende a se referir ao cuidado e atendimento a populações desfavorecidas (DEGELSSEGER; KESSELRING, 2012).

E os modelos organizacionais propostos por negócios sociais não são necessariamente novos ou exclusivos, podemos encontrar modelos similares em outras organizações. Antes de permitir o download de seus arquivos, o Sistema Operacional Ubuntu (de núcleo GNU/Linux) sugere ao usuário que faça uma doação financeira à equipe que dá suporte e manutenção ao software. Basta que uma pequena parcela de usuários doe seu dinheiro para que a sustentabilidade econômica do modelo seja satisfeita, e assim, usuários possam se utilizar de um sistema operacional mais estável, seguro e com alto grau de apropriabilidade. Uma ONG que produz mudas de árvores nativas ou um agricultor agroecológico também performam dinâmicas econômicas mais justas, coletivas e financeiramente sustentáveis. Singer (ANO) sugere a iniciativa de Yunus em ofertar microcrédito através do Grameen Bank como um caso de sucesso da economia solidária. Sobre a necessidade de novas experimentações econômicas, Callon (2007) adverte,

The failure of so-called planned economies has contributed to free us of the belief in Kapitalism and of the myth of Revolution as the only alternative. We are no longer in a period when the only choice was between a program aimed at performing an entirely state controlled economy, and a symmetrical, equally monolithic, program of performance of self-regulated markets. It is time indeed, as Gibson-Graham suggests, to unpack the notion of markets as self-regulated institutions and to think of projects in which models or programs are experimented with for constructing multiple axes of economic diversity (Gibson-Graham 2003). Future societies will probably have to be pluralistic in all of their organizations, including the economy. There is no pre-given path to follow. Saying that the economy is performed by economics (at large), means implicitly highlighting the existence of a plurality of possible organizations of economic activity and of several programs than can be conceived of and tested, that is (co)performed. The notion of performance leads to that of experimentation. (CALLON, 2007, pp 349-350.)

Por hora, vale levantar a hipótese de que negócios sociais performariam 'novas' práticas econômicas – que não seguem os receituários econômicos pela maximização dos lucros, mas se utilizam de muitas das ferramentas disponibilizadas pela administração de empresas. Devido a seu estágio ainda inicial, o Programa Vivenda não distribui dividendos a seus acionistas, mas não descarta esta possibilidade. Para Yunus (2010), as decisões tomadas pelo empreendedor social tendem a beneficiar o bem estar coletivo e detrimento de seus interesses individuais. Em outras palavras, negócios sociais afirmam não maximizar seus lucros – outros objetivos, missões e valores estariam em jogo.

Bibliografia

ARTEMÍSIA, Negócios de Impacto Social no Brasil. In: SANTANA, A.; SOUZA, L. (Orgs) **Empreendedorismo com foco em negócios sociais**. NITS/UFPR, Curitiba-PR, 2015.

CALLON, M. An essay on framing and overflowing: economic revisited by sociology. In CALLON, M (Org.) **The Laws of the Markets**. Blackwell Publishers, 1998.

CALLON, M. What does it mean to say that economics is performative? In: MACKENZIE, D.; MUNIESA, F.; SIU, L. **Do economists make markets?** On the performativity of economics. Princeton University Press, New Jersey, 2007.

CHU, M. Commercial returns and social value: the case of microfinance. In: Conference on Global Poverty: business solutions and approaches, **Harvard Business School**, Boston, 2005.

COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. A three-pronged approach to social business: a Brazilian multi-case analysis. **Revista de Administração**, FEA/USP, São Paulo, v.47, n.3, p.385-397, 2012.

DEGELSSEGER, A.; KESSELRING, A. Do Non-humans Make a Difference? The Actor-Network-Theory and the Social Innovation Paradigm. In: FRANZ, H.; HOCHGERNER, J.; HOWALDT, J. (Orgs.) **Challenge Social Innovation: Potentials for Business, Social Entrepreneurship, Welfare and Civil Society**. Springer, 2012.

FAULHABER, G.; BAUMOL, W. "Economists as Innovators: Practical Products of Theoretical Research." **Journal of Economic Literature** n26, 1988, p.577-600.

GARCIA-PARPET, M. The social construction of a perfect market: the strawberry auction at the Fontaines-en-Sologne. In: MACKENZIE, D.; MUNIESA, F.; SIU, L. **Do economists make markets?** On the performativity of economics. Princeton University Press, New Jersey, 2007.

GUALA, G. How to do things with experimental economics. In: MACKENZIE, D.; MUNIESA, F.; SIU, L. **Do economists make markets?** On the performativity of economics. Princeton University Press, New Jersey, 2007.

HART, S. **Capitalism at the crossroads**. Pearson Ed., New Jersey, 2010.

HOLM, P. Which way up is on Callon? In: MACKENZIE, D.; MUNIESA, F.; SIU, L. **Do economists**

make markets? On the performativity of economics. Princeton University Press, New Jersey, 2007.

KOHONEN, M. **Actor-network theory as an approach to social enterprise and social value: a case study of Ghanaian social enterprises.** 294f. Tese (Doutorado), London School of Economics and Political Science, Londres, 2012.

LIMEIRA, T. **O papel das aceleradoras de impacto no desenvolvimento dos negócios sociais no Brasil.** Relatório de pesquisa FGV EAESP, São Paulo, 2014.

MACKENZIE, D. **An engine, not a camera.** How financial models shape markets. The MIT Press, Londres, 2006.

MACKAY, J.; SISODIA, R. **Capitalismo Consciente:** como libertar o espírito heroico dos negócios. São Paulo: HSM Editora, 2013.

MEIRELLES, D. Teorias de mercado e regulação: por que os mercados e o governo falham? **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p.644-660, 2010.

MOL, A. **The body multiple:** ontology in medical practice. Durham and London: Duke University Press, 2002.

MUNIESA, F. **The problem with economics:** naturalism, critique and performativity. CSI Working Papers, nº 20, 2010.

PRAHALAD, C. **A riqueza na base da pirâmide:** erradicando a pobreza com o lucro. Porto Alegre: Bookman, 2010.

RED DE CONOCIMIENTOS SOBRE EMPRENDIMIENTOS SOCIALES **Negocios inclusivos :** iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica. BID, 2010.

SMELSER, N.; SWEDBERG, R. (Orgs.) **The handbook of economic sociology.** Princeton: Princeton University Press, 2005.

YUNUS, M. **Um mundo sem pobreza.** Ed. Ática, 2006.

YUNUS, M. **Criando um negócio social:** como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier , 2010